

Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC/UBÁ
Graduação em Psicologia

A PSICOLOGIA NO DEBATE SOBRE MATÉRIA E CONSCIÊNCIA

Exploring the role of psychology in the debate on matter and consciousness

Kalil de Souza Chehuen¹; Samuel Freitas de Castro²

¹Discente do curso de graduação em psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos – FUPAC/Ubá, MG.

²Psicólogo. Docente da Faculdade Presidente Antônio Carlos – FUPAC

RESUMO

O presente estudo explora a complexidade e a multidimensionalidade da consciência, enfatizando a intersecção entre matéria e consciência. Este fenômeno é analisado sob perspectivas da Psicologia, Filosofia e Neurociência, abordando o "grande problema da consciência", que questiona como processos neurais originam experiências subjetivas. A consciência não é apenas um campo de debate acadêmico, mas abrange questões fundamentais da condição humana, como identidade e percepção. O papel da Psicologia destaca-se como essencial na análise dos processos mentais e suas influências biológicas, abrangendo abordagens desde a psicanálise até a neurociência. Este trabalho também reconhece as contribuições das tecnologias recentes, como neuroimagem e inteligência artificial, que prometem avanços significativos na ciência da consciência. Em síntese, a consciência demanda um diálogo interdisciplinar contínuo, abordando suas múltiplas facetas e promovendo um melhor entendimento da mente humana e suas implicações para a saúde mental e emocional.

Palavras chave: Consciência; Psicologia; Filosofia; Neurociência; Inteligência Artificial.

ABSTRACT

This study investigates the complexity and multidimensionality of consciousness, highlighting the intersection between matter and consciousness. This phenomenon is analyzed from the perspectives of Psychology, Philosophy, and Neuroscience, addressing the "hard problem of consciousness," which questions how neural processes give rise to subjective experiences. Consciousness is not merely an academic debate but encompasses fundamental questions of human condition, such as identity and perception. The role of Psychology is emphasized as essential in analyzing mental processes and their biological influences, ranging from psychoanalysis to neuroscience approaches. The study also acknowledges the contributions of recent technologies, such as neuroimaging and artificial intelligence, which promise significant advancements in the science of consciousness. In summary, consciousness requires an ongoing interdisciplinary dialogue, addressing its multifaceted nature and promoting a better understanding of the human mind and its implications for mental and emotional health.

Keywords: Consciousness; Psychology; Philosophy; Neuroscience; Artificial Intelligence.

Correspondência:

Nome: Kalil de Souza Chehuen

E-mail: kalilchehuenweb@gmail.com

INTRODUÇÃO

A consciência, termo intrinsecamente ligado à complexidade da mente humana, representa um fenômeno multifacetado que desafia as fronteiras da compreensão. A etimologia da palavra "consciência" provém do latim "*conscientia*", cujo significado se desdobra na ideia de conhecimento compartilhado. Este termo transcende seu simples status linguístico, tornando-se um campo de investigação essencial na perspectiva psicológica. No âmbito filosófico, a consciência é um tema que tem instigado pensadores ao longo dos séculos, envolvendo debates profundos sobre a natureza da mente, a autoconsciência e as dimensões éticas vinculadas a essa experiência singular (Velmans. 2009).

Este aspecto da experiência humana, com suas múltiplas camadas, tem sido um campo de estudo fascinante, atraindo a atenção de filósofos, psicólogos e cientistas ao longo dos séculos. Intrinsecamente conectada à essência da experiência humana, a consciência é considerada um intrincado quebra-cabeça multidisciplinar que promete insights valiosos sobre a natureza da existência humana. Historicamente, o estudo da consciência está enraizado em tradições filosóficas que questionam a própria fundação do ser, enquanto o interesse moderno expandiu-se para incluir uma investigação meticulosa das correlações neurais e dos processos comportamentais relacionados. No campo emergente de estudos da consciência, pesquisas recentes têm focado em validar teorias de consciência através de hierarquias computacionais, procurando uma compreensão mais profunda desse fenômeno multidimensional (Hanson & Walker, 2021).

No domínio da psicologia, a consciência é explorada como uma arena onde convergem aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais, cada um oferecendo perspectivas valiosas para decifrar o enigma da mente. Abordagens variadas, da psicologia experimental à clínica, assim como das neurociências e ciências cognitivas, têm colaborado para o aprofundamento da compreensão dos processos mentais e do comportamento relacionados à experiência consciente. Conforme avaliado por Hanson e Walker (2022), o estudo psicológico da consciência propõe que processos cognitivos básicos, como percepção, atenção e memória, oferecem uma janela para compreender como experiências subjetivas emergem. Dessa forma, investigações sobre como indivíduos descrevem suas experiências conscientes demonstram a relação intrínseca entre subjetividade e atividades cerebrais mensuráveis, revelando o entrelaçamento entre a experiência

interna e a observação externa (Civilotti et al., 2023).

A compreensão da consciência é fundamental para a psicologia, pois permeia diretamente a experiência humana e é central para a forma como as pessoas percebem, raciocinam e interagem com o mundo ao seu redor. A relevância do estudo da consciência dentro do campo da psicologia reside na sua capacidade de esclarecer distintos aspectos do comportamento humano, desde as ações rotineiras até a resolução de problemas complexos. A inserção da psicologia nesse debate é crucial, pois favorece uma análise abrangente de como as pessoas entendem e atribuem significado às suas experiências, uma questão essencial considerada por Chalmers (1995) como o "grande problema da consciência", ou "*the hard problem of consciousness*".

A questão da consciência persiste como uma das mais intrigantes na Psicologia, convergindo linhas de investigação acadêmica e prática para entender melhor a essência da experiência humana. O estudo da consciência não só aprofunda o debate sobre a natureza do ser, mas oferece *insights* valiosos sobre a relação entre mente e realidade, erguendo-se como um verdadeiro pilar na busca pelo entendimento de como o ser humano percebe, interage e transforma o mundo à sua volta. Avanços recentes no campo, aplicando paradigmas como a Tarefa de Tempo de Reação em Série [SRTT], ilustram o reconhecimento crescente da necessidade de discernir entre processos inconscientes e conscientes, e como tal distinção pode esclarecer as dinâmicas subjacentes à cognição humana. Dessa forma, o presente estudo ganha significância ao mergulhar nas profundezas deste tema complexo, com o potencial de enriquecer não apenas o discurso acadêmico, mas também de contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a existência consciente (Lee et al, 2012).

Além disso, a investigação atual em consciência tem se beneficiado enormemente do avanço de tecnologias de imagem cerebral, como a ressonância magnética funcional (fMRI) e a tomografia por emissão de pósitrons (PET), permitindo uma exploração sem precedentes das redes neurais e padrões de ativação associados a estados conscientes. Essas ferramentas de neuroimagem proporcionam uma visão detalhada dos substratos neurais da consciência, facilitando o mapeamento de processos cognitivos e a correlação destes com experiências subjetivas. A aplicação destas tecnologias, juntamente com o desenvolvimento conceitual de modelos como a Teoria Integrada da Informação, tem possibilitado importantes contribuições para o entendimento do papel dos circuitos cerebrais e da complexidade das interações neurais na emergência da consciência. Essas abordagens são uma valiosa adição ao arsenal de métodos psicológicos para

investigar as múltiplas dimensões desse enigma (Crick & Koch, 1998).

Outro enigma que captura a atenção dos estudiosos da consciência é a intrigante questão do primado entre a consciência e a matéria, frequentemente descrita como o problema "cérebro-primeiro" ou "mente-primeiro". Enquanto a visão materialista postula que a matéria dá origem à consciência e que experiências conscientes são epifenômenos de processos físicos cerebrais, perspectivas dualistas e idealistas sugerem que a consciência pode preceder ou até mesmo dar origem à matéria, um ponto de vista que confronta diretamente a compreensão científica predominante e propõe uma visão pan psíquica do universo. O debate continua a ser um ponto de contenda, com ambas as hipóteses tendo implicações profundamente diferentes para a compreensão da natureza da realidade e do lugar da consciência dentro dela (Chalmers, 1996). As recentes discussões filosóficas são complementadas por pesquisas que buscam evidências empíricas e modelos teóricos capazes de tratar da interdependência entre mente e matéria, abrindo novas frentes de investigação interdisciplinar em busca de respostas definitivas para este antigo enigma (Strawson, 2006).

A relevância da Psicologia no debate sobre a consciência e sua conexão com a matéria é um campo fértil para a investigação científica, surgindo como um dos objetivos gerais deste estudo. Ao explorar essa relação, o presente trabalho visa entender o território conceitual no qual a Psicologia se insere, trazendo à tona a complexidade do entendimento da consciência dentro do contexto neurológico e filosófico. Compreender como fenômenos mentais emergem da matéria e a influência recíproca destes é uma tarefa que convoca metodologias interdisciplinares e inovadoras abordagens, com potencial para ampliar a compreensão sobre a natureza do ser, suas capacidades percebidas e os limites da própria ciência. Assim, este estudo tem como objetivo esclarecer o papel da Psicologia na compreensão da consciência, explorando sua conexão com a matéria e integrando abordagens interdisciplinares para expandir o entendimento da natureza do ser e suas dimensões físicas e subjetivas.

DESENVOLVIMENTO

A Consciência em Debate: Perspectivas Filosóficas e Científicas

A consciência é um dos temas mais complexos e intrigantes tanto na filosofia quanto na

ciência. Ao longo dos séculos, filósofos e cientistas têm debatido intensamente sobre a origem e a natureza da consciência. Enquanto a filosofia oferece uma abordagem mais introspectiva e especulativa, a ciência busca compreender esse fenômeno através de métodos empíricos e experimentais. Este debate é fundamental não apenas para a psicologia, mas também para campos como a neurociência, a biologia, e a inteligência artificial. Compreender a consciência é essencial para decifrar o que significa ser humano e como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor (Kalat, 2014).

Do ponto de vista científico, a neurociência tem sido a principal disciplina a investigar a consciência, procurando identificar as bases neurais que a sustentam. Pesquisas neurocientíficas utilizam tecnologias avançadas de imagem cerebral, como a ressonância magnética funcional [fMRI] e a eletroencefalografia [EEG], para mapear as áreas do cérebro envolvidas em estados conscientes. Teorias como a Teoria da Informação Integrada [IIT] de Giulio Tononi e a Teoria do Espaço de Trabalho Global [GWT] de Bernard Baars buscam explicar como processos cerebrais podem gerar experiências conscientes. Apesar dos avanços significativos, a ciência ainda enfrenta o desafio de resolver o “problema difícil da consciência”, termo cunhado por David Chalmers, que se refere à dificuldade de explicar como e por que processos físicos no cérebro dão origem a experiências subjetivas (Chalmers, 1995).

A inteligência artificial [IA] também está profundamente envolvida no debate sobre a consciência. Pesquisadores de IA estão interessados em saber se é possível criar uma máquina que possua consciência ou se a consciência é um fenômeno exclusivamente biológico. Questões éticas e filosóficas surgem quando se considera a possibilidade de máquinas conscientes: Como podemos determinar se uma IA realmente possui consciência? Quais direitos e responsabilidades teriam tais entidades? Além disso, a criação de IA consciente levanta questões sobre a natureza da própria consciência humana e se ela pode ser replicada ou simulada artificialmente. Este campo interdisciplinar está na vanguarda da pesquisa contemporânea e continua a desafiar nossos entendimentos tradicionais da mente e da consciência (Ng & Leung, 2020).

O futuro do estudo da consciência promete ser tão intrigante quanto complexo. À medida que a tecnologia avança, novas ferramentas e métodos podem revelar informações mais detalhadas sobre os processos cerebrais e suas correlações com estados conscientes. A interdisciplinaridade será fundamental, com filósofos, cientistas, engenheiros e teólogos colaborando para explorar questões que vão desde a possibilidade de vida consciente artificial até a natureza da experiência

subjetiva. Além disso, o avanço da neurociência e da IA pode levar ao desenvolvimento de tecnologias capazes de melhorar ou modificar a consciência humana, como interfaces cérebro-computador e medicamentos que alteram a percepção. Estes avanços trazem não apenas possibilidades excitantes, mas também desafios éticos e filosóficos que a sociedade precisará enfrentar (Chella, 2023).

A discussão sobre a influência da consciência no comportamento humano tem gerado um intenso debate entre filosofias tradicionais e descobertas científicas modernas. Intuições cotidianas sugerem um controle consciente total sobre nossas ações. No entanto, evidências de causação inconsciente e automaticidade desafiam essa visão, propondo que o pensamento consciente possui um impacto limitado ou indireto no comportamento. Estudos empíricos, com manipulações experimentais do pensamento consciente e medidas comportamentais, revelam que a prática mental, antecipação, planejamento, reflexão e outros processos cognitivos são influenciados pela consciência de maneira profunda e multifacetada. Entretanto, essa influência consciente muitas vezes ocorre de maneira indireta e atrasada, interagindo constantemente com processos inconscientes. A consciência, portanto, parece ser instrumental em moldar o comportamento com base em fatores não presentes e informações sociais e culturais, além de ajudar na gestão de múltiplas opções ou impulsos concorrentes. Assim, é plausível que a maioria dos comportamentos humanos seja resultado de uma complexa interação entre processamento consciente e inconsciente, desafiando a dicotomia simplista entre controle consciente total e automaticidade inconsciente absoluta (Baumeister, Masicampo, & Vohs, 2011).

A investigação sobre a consciência está em constante evolução, desafiando fronteiras intelectuais e tecnológicas. Embora muitas perguntas permaneçam sem resposta, o progresso nas áreas de filosofia, neurociência e inteligência artificial oferece novas perspectivas e possibilidades. A busca por compreender a consciência não é apenas uma questão acadêmica, mas uma jornada que toca o cerne da nossa existência e identidade. À medida que continuamos a explorar e debater essas questões, podemos esperar que novas descobertas e insights transformem nossa compreensão do que significa ser consciente. Esta exploração contínua promete não apenas expandir nosso conhecimento, mas também aprofundar nosso apreço pela complexidade e mistério da mente humana.

O Fenômeno da Experiência Subjetiva: Além da Neurociência

Enquanto a neurociência tem feito avanços significativos na compreensão dos correlatos neurais da consciência, a questão da experiência subjetiva — ou qualia — permanece um dos problemas mais desafiadores. Qualia refere-se às qualidades subjetivas das experiências conscientes, como a vermelhidão do vermelho ou a dor de uma dor de cabeça. Essas experiências internas são difíceis de quantificar e estudar objetivamente, levando alguns filósofos a argumentarem que a ciência, como atualmente concebida, pode nunca ser capaz de explicar completamente a subjetividade. Este problema, frequentemente referido como o "problema difícil da consciência", desafia a nossa compreensão do que é ter uma experiência consciente e sugere que a consciência pode envolver aspectos que vão além do domínio físico (Nagel, 2014).

A relação entre corpo e mente é um tema central nas discussões sobre a experiência subjetiva. Diferentes teorias têm sido propostas para explicar como processos físicos no cérebro dão origem a experiências conscientes. O dualismo, por exemplo, postula que a mente e o corpo são entidades distintas, enquanto o materialismo argumenta que a mente é um produto dos processos físicos do cérebro. Teorias emergentes como o pansiquismo sugerem que a consciência é uma característica fundamental do universo, presente até mesmo nas partículas mais básicas. Outra perspectiva importante é o idealismo, que propõe que a consciência é a natureza fundamental de todas as coisas, e que a realidade física tem, de alguma forma, uma natureza mental. Essas abordagens tentam reconciliar a natureza física do cérebro com a riqueza da experiência subjetiva, mas até agora nenhuma conseguiu oferecer uma explicação completa e satisfatória (Kastrup, 2018).

As experiências subjetivas, embora difíceis de quantificar e medir, desempenham um papel crucial na compreensão da mente humana. Elas são a base de nossa percepção do mundo, influenciando nossas emoções, decisões e comportamento. No entanto, a ciência tradicional, com seu foco em dados objetivos e mensuráveis, muitas vezes luta para incorporar essas experiências de maneira significativa. Isso leva a um desafio metodológico: como estudar algo tão intangível como a consciência? Abordagens interdisciplinares que combinam neurociência, filosofia, psicologia e até mesmo física estão sendo exploradas para enfrentar essa questão. A neurofenomenologia, por exemplo, tenta unir a análise fenomenológica das experiências subjetivas com dados neurocientíficos, buscando uma compreensão mais holística da mente (Olivares et al.,

2015).

Os estudos de consciência têm se tornado uma área de pesquisa cada vez mais relevante e interdisciplinar. Pesquisadores de diferentes campos, como filosofia, neurociência, psicologia e inteligência artificial, estão colaborando para desvendar os mistérios da consciência. A filosofia da mente, por exemplo, oferece ferramentas conceituais para abordar questões sobre a natureza da consciência e sua relação com o cérebro. A neurociência, por sua vez, investiga os correlatos neurais da consciência, tentando identificar padrões de atividade cerebral associados a estados conscientes. Psicólogos exploram como a consciência influencia o comportamento e a percepção, enquanto pesquisadores de IA tentam replicar aspectos da consciência em máquinas. Essa abordagem multifacetada é essencial para avançar nossa compreensão da consciência, reconhecendo que nenhuma disciplina sozinha pode fornecer todas as respostas (Koch, 2021).

A investigação da consciência enfrenta inúmeros desafios, tanto conceituais quanto metodológicos. Um dos principais obstáculos é a chamada "lacuna explicativa" — a dificuldade de explicar como processos físicos no cérebro dão origem a experiências subjetivas. Além disso, a natureza subjetiva da consciência torna complicado o desenvolvimento de métodos de pesquisa que possam capturar e analisar essas experiências de maneira rigorosa e replicável. No entanto, avanços tecnológicos, como a neuroimagem de alta resolução e técnicas de estimulação cerebral, estão proporcionando novas maneiras de explorar a mente. Perspectivas futuras incluem a possibilidade de mapear mais precisamente os estados conscientes e suas transições, e até mesmo desenvolver intervenções terapêuticas baseadas em uma compreensão mais profunda da consciência. A colaboração contínua entre diferentes campos do conhecimento será crucial para superar esses desafios e avançar no entendimento da experiência subjetiva (Feinberg & Mallatt, 2020).

Em conclusão, o estudo da consciência transcende os limites da neurociência, englobando aspectos filosóficos, psicológicos e éticos que são essenciais para uma compreensão completa do fenômeno. A experiência subjetiva é um campo vasto e complexo que continua a desafiar cientistas e filósofos. À medida que a tecnologia avança, novas metodologias, como a neuroimagem avançada e a inteligência artificial, oferecem promessas de desvendar mais segredos sobre a natureza da consciência. No entanto, é importante reconhecer que a consciência não pode ser completamente reduzida a processos biológicos ou computacionais. Ela é uma parte fundamental da condição humana, e seu estudo exige uma abordagem multidisciplinar que respeite sua

complexidade intrínseca. O futuro da pesquisa sobre a consciência, portanto, reside na colaboração entre diferentes campos do conhecimento, buscando não apenas entender o cérebro, mas também as profundezas da experiência humana.

A Interseção entre Matéria e Consciência: Contribuições da Psicologia

A interseção entre matéria e consciência é um tema que se destaca nos estudos psicológicos, especialmente no que concerne à compreensão dos processos mentais e suas influências biológicas. A psicologia, ao abordar a experiência subjetiva, oferece um arcabouço teórico que permite investigar como as funções cerebrais se correlacionam com estados de consciência e comportamento. Essa relação pode ser analisada por meio de diversas abordagens, incluindo a psicologia cognitiva, que examina os processos de percepção, emoção e pensamento, e a neurociência, que busca mapear as bases neurais dessas experiências. Portanto, ao explorar as contribuições da psicologia para a compreensão da relação entre matéria e consciência, torna-se evidente que a integração de diferentes disciplinas é essencial para elucidar os mecanismos que sustentam a mente humana (Calado, 2003).

Dentro desse contexto de interseção entre matéria e consciência, a psicologia se revela como um campo essencial para decifrar a complexidade dos fenômenos psíquicos. O behaviorismo por exemplo, argumenta que a análise do comportamento humano é fundamental para compreender a relação entre estímulos ambientais e reações observáveis. Essa abordagem destaca a importância dos fatores externos na formação de padrões de comportamento, sugerindo que a consciência e as experiências subjetivas emergem das interações entre o indivíduo e seu ambiente. Assim, a psicologia, ao enfatizar as respostas comportamentais em relação às condições materiais, contribui para uma visão mais holística da experiência humana, onde a matéria não é vista apenas como um substrato, mas como um elemento ativo nas dinâmicas da consciência (Baum, 2018).

Dentre as abordagens psicológicas que sustentam a ideia de que a consciência precede a matéria, destacam-se a psicanálise e a psicologia analítica junguiana. A psicanálise, fundada por Sigmund Freud, enfatiza a importância dos processos inconscientes, argumentando que a consciência é apenas a ponta do iceberg de uma complexa rede de pensamentos, desejos e memórias reprimidas. Nesta perspectiva, a consciência emerge a partir de dinâmicas psíquicas mais profundas, sugerindo uma primordialidade da experiência subjetiva sobre a realidade física.

(Freud, 1989) De forma análoga, a psicologia analítica proposta por Carl Gustav Jung também reconhece a primazia da consciência em relação ao mundo material, focalizando a importância dos arquétipos e do inconsciente coletivo. Jung argumenta que as experiências e símbolos universais da consciência não são meramente reflexos de eventos materiais, mas sim estruturas que moldam a percepção e a vivência da realidade, indicando que a consciência possui uma natureza transcendente que influencia a matéria, ao invés de ser o resultado direto dela (Jung 2014).

Por outro lado, várias abordagens psicológicas oferecem uma perspectiva que considera a consciência como um fenômeno emergente a partir de processos materiais. A psicologia comportamental, por exemplo, enfatiza o comportamento observável e suas interações com o ambiente, sugerindo que os estados de consciência são produtos das reações e aprendizagens advindas do contexto físico. Este enfoque entende a consciência como um conjunto de respostas a estímulos, reforçando a ideia de que a experiência subjetiva surge como resultado de processos materiais e biológicos. Além disso, a neurociência adota uma perspectiva similar ao investigar como as configurações cerebrais e as atividades neurais geram experiências conscientes. Ao mapear as correlações entre a atividade elétrica do cérebro e a manifestação da consciência, esta abordagem reafirma a premissa de que a mente é, em essência, um produto das interações físicas dos neurônios, consolidando assim a visão de que a consciência é uma consequência dos fundamentos materiais da existência (Charchat-Fichman et al, 2012).

As implicações práticas das contribuições da psicologia na interseção entre matéria e consciência são vastas e significativas, especialmente em contextos clínicos e educacionais. No âmbito da saúde mental, que se refere ao estado de bem-estar emocional, psicológico e social, a compreensão das relações entre processos neurológicos e manifestações emocionais tem permitido o desenvolvimento de terapias mais eficazes, como a Terapia Cognitivo-Comportamental [TCC], uma abordagem terapêutica que busca compreender e modificar padrões de pensamento disfuncionais — pensamentos negativos ou irracionais que perpetuam a angústia emocional. A TCC, por exemplo, busca alterar esses padrões que afetam o bem-estar emocional e que estão associados a mudanças observáveis na atividade cerebral. Em ambientes educacionais, que abrangem desde escolas até espaços de aprendizagem não formais, a psicologia contribui para a criação de abordagens de ensino adaptativas, práticas pedagógicas que se ajustam às diferenças individuais na cognição e na aprendizagem, levando em conta como as bases neurais influenciam as capacidades de atenção e retenção de informações. Assim, a interface entre matéria e

consciência, sustentada por evidências psicológicas, não apenas enriquece a teoria — referindo-se às teorias psicológicas que ligam ambos os campos —, mas também proporciona ferramentas práticas que melhoram a qualidade de vida e a eficácia pedagógica (da Silva & Antão, 2024).

A interseção entre matéria e consciência destaca a relação entre processos fisiológicos e estados mentais. As descobertas realizadas na psicologia que evidenciam essa conexão têm implicações significativas para práticas clínicas e terapêuticas. A compreensão de que os estados mentais afetam o corpo — e vice-versa — permite que os terapeutas desenvolvam intervenções mais eficazes. Técnicas de psicoterapia, combinadas com práticas como *mindfulness* e regulação emocional, podem ajudar os indivíduos a alcançar um equilíbrio entre suas emoções e estados físicos, promovendo um melhor estado de saúde mental. Além disso, tecnologias emergentes, como o *neurofeedback*, oferecem novas ferramentas para aumentar a autoconsciência e facilitar o autocontrole, permitindo que os indivíduos reconheçam e modifiquem seus padrões de comportamento e emoções. Ao integrar conhecimento sobre a matéria e a consciência, a psicologia não só amplia a compreensão teórica do funcionamento da mente e do comportamento, mas também oferece práticas inovadoras que podem transformar a vida das pessoas, auxiliando-as a lidar de maneira mais eficaz com problemas emocionais, comportamentais e situações estressantes (Paula & Moretti, 2021).

Nesse sentido, a pesquisa interdisciplinar também desempenha um papel crucial na elucidação da complexa interação entre matéria e consciência. A colaboração entre psicólogos, neurocientistas e filósofos tem promovido uma troca de perspectivas que enriquece o entendimento dos fenômenos mentais. Por exemplo, as investigações neuropsicológicas que associam o funcionamento cerebral a experiências conscientes têm gerado insights sobre transtornos psiquiátricos e suas manifestações fisiológicas. Além disso, o diálogo com a filosofia da mente permite questionar as implicações éticas das descobertas científicas, explorando como a compreensão dos processos mentais pode influenciar questões de identidade, livre-arbítrio e responsabilidade moral. Assim, a convergência de diferentes áreas do conhecimento não apenas amplifica a profundidade da pesquisa na interseção entre matéria e consciência, mas também propõe um modelo integrado que considera as múltiplas dimensões da experiência humana (de Athayde, 2017).

Apesar das contribuições significativas da psicologia para o entendimento da interseção entre matéria e consciência, é importante reconhecer as críticas e limitações existentes nesse

campo de estudo. Alguns críticos argumentam que a psicologia, em sua busca para correlacionar processos cerebrais com estados mentais, pode reduzir a complexidade da experiência humana a meras interações bioquímicas e elétricas. Essa perspectiva tende a ignorar aspectos subjetivos e fenomenológicos da consciência, que são fundamentais para a compreensão da experiência individual. Além disso, a diversidade de abordagens dentro da psicologia, embora enriquecedora, pode levar a uma fragmentação do conhecimento, dificultando a formulação de teorias integradoras que abranjam tanto os aspectos materiais quanto os subjetivos da consciência. Portanto, é crucial que futuros estudos busquem um diálogo interdisciplinar mais robusto, que considere as críticas ao paradigma atual e promova uma abordagem mais holística e integrativa para o estudo da mente e seu funcionamento (Pinto, 2005).

Em síntese, a interseção entre matéria e consciência, analisada sob a perspectiva da psicologia, revela uma complexa rede de interações que transcende a mera dicotomia entre o físico e o mental. As diversas abordagens psicológicas, desde a psicanálise até a neurociência, evidenciam que a compreensão humana é multifacetada, envolvendo não apenas os processos biológicos, mas também as experiências subjetivas que moldam a percepção da realidade. A integração dessas perspectivas não só enriquece o conhecimento teórico, mas também oferece ferramentas práticas que podem melhorar a qualidade de vida, influenciando positivamente intervenções clínicas e educacionais. Assim, é necessário reconhecer que a exploração contínua dessa interrelação demanda um diálogo interdisciplinar robusto, que valorize tanto os aspectos materiais quanto fenomenológicos da experiência humana. Essa abordagem integrada é fundamental para aprofundar a compreensão sobre a mente e as dinâmicas que a regem, delineando caminhos para futuras investigações e aplicações práticas (Toassa, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou evidenciar a complexidade e a multidimensionalidade do fenômeno da consciência, ressaltando a necessidade de um diálogo que transcenda as fronteiras tradicionais de disciplinas como a Psicologia, Filosofia e Neurociência. Nesse sentido, a intersecção entre matéria e consciência não é apenas um campo de debate acadêmico, mas uma questão fundamental que toca aspectos centrais da condição humana, como a identidade, a percepção e a experiência subjetiva. Dessa forma, ao desvelar as diversas camadas que compõem

a consciência, o trabalho reafirma a importância de considerar não apenas os aspectos materiais, mas também os fenômenos subjetivos que moldam nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Ademais, a investigação sobre a consciência, como evidenciado, não se limita a um campo específico, mas se expande para incluir diversas perspectivas que enriquecem a discussão. Felizmente, as contribuições da psicologia, em particular, revelam que a relação entre a matéria e a consciência é repleta de nuances e interações que não podem ser ignoradas. Portanto, cada abordagem psicológica oferece uma lente única pela qual podemos observar e interpretar a consciência, permitindo uma compreensão mais rica e integrada. Com isso em mente, o papel da psicologia neste debate é fundamental, pois oferece ferramentas teóricas e práticas que podem auxiliar não apenas na compreensão da mente, mas também em intervenções que beneficiem o bem-estar humano e social.

Além disso, a evolução das tecnologias, como a neuroimagem e os avanços em inteligência artificial, proporciona novas oportunidades para investigar questões profundas que antes pareciam inatingíveis. Assim, estas ferramentas, em conjunto com uma abordagem interdisciplinar, prometem avanços significativos na ciência da consciência, possibilitando uma apreensão mais detalhada de como os processos cerebrais se relacionam com a experiência subjetiva. Entretanto, é crucial manter um olhar crítico e ético sobre o uso dessas tecnologias, assegurando que o conhecimento gerado respeite a complexidade e os direitos dos indivíduos.

Em síntese, a pesquisa sobre o enigma da consciência não é destinada a uma resolução imediata ou simplista, mas sim a uma contínua investigação que abrace suas múltiplas facetas. Portanto, a consciência, como um fenômeno intrinsecamente humano, requer uma análise que considere as interrelações entre o corpo, a mente e o ambiente do indivíduo. Finalmente, com um compromisso renovado com a interdisciplinaridade, os futuros estudos têm a capacidade de não apenas iluminar os mistérios da consciência, mas também de impactar positivamente a compreensão e o tratamento de questões relacionadas à saúde mental e emocional. Este trabalho, portanto, não se encerra aqui, mas abre portas para novas investigações e um diálogo constante sobre a intrincada dança entre matéria e consciência, pontos fundamentais na busca pela compreensão do ser humano.

REFERÊNCIAS

Baum, W. M. (2018). *Compreender o Behaviorismo-: Comportamento*.

Baumeister, R. F., Masicampo, E. J., & Vohs, K. D. (2011). Do conscious thoughts cause behavior? *Annual Review of Psychology*, 62(1), 331–361. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.131126>

Calado, N. (2003). Psicologia da consciência. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 19(6), 639-40.

Chalmers, D. J. (1996). *The conscious mind: In search of a fundamental theory*. Oxford University Press.

Chalmers, D. J. (2010). Facing up to the problem of consciousness. Em *The Character of Consciousness* (p. 3–34). Oxford University Press.

Charchat-Fichman, H., Fernandes, C. S., & Landeira-Fernandez, J. (2012). Psicoterapia neurocognitivo-comportamental: uma interface entre psicologia e neurociência. *Revista Brasileira de terapias cognitivas*, 8, 40–46.

Chella, A. (2023). Artificial consciousness: the missing ingredient for ethical AI? *Frontiers in robotics and AI*, 10. <https://doi.org/10.3389/frobt.2023.1270460>

Civilotti, C., Sciascia, C., Li Volsi, E., Rosato, M., Giampaolo, R., & Acquadro Maran, D. (2023). Cognitive mechanisms in a sample of detained stalkers: Evaluation of dissociative tendencies, impaired reflective function, and ruminative thought. *Psychology of Consciousness (Washington, D.C.)*, 10(1), 62–75. <https://doi.org/10.1037/cns0000303>

Crick, F., & Koch, C. (1998). The problem of consciousness. Em *Consciousness and Emotion in Cognitive Science* (p. 63–69). Routledge.

Da Silva, A. K., Vilela, L. L., & Antão, S. D. (2024). A síndrome de Burnout em Universitários e as Contribuições da Terapia Cognitivo Comportamental. *Revista Mosaico*, 15(1), 115–122.

De Athayde, P. (2017). A estrutura da autoconsciência na filosofia da mente de John Searle. *Veritas (Porto Alegre)*, 62(2), 428–452.

Feinberg, T. E., & Mallatt, J. (2020). Phenomenal consciousness and emergence: Eliminating the explanatory gap. *Frontiers in Psychology*, 11, 1041. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01041>
Freud, S. (1989). The ego and the id (1923). *TACD Journal*, 17(1), 5–22. <https://doi.org/10.1080/1046171x.1989.12034344>

Hanson, J. R., & Walker, S. I. (2021). Formalizing falsification for theories of consciousness across computational hierarchies. *Neuroscience of Consciousness*, 2021(2). <https://doi.org/10.1093/nc/niab014>

Jung, C. G. (2014). *Man and His Symbols*. Dell Publishing Company.

Kalat, J. W. (2014). Consciousness and the Brain: Deciphering How the Brain Codes our Thoughts. *Journal of Undergraduate Neuroscience Education*, 12(2), R5–R6.

Kastrup, B. (2018). The universe in consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, 25(5–6), 125–155.

Koch, C. (2021). Reflections of a natural scientist on panpsychism. *Journal of Consciousness Studies: Controversies in Science & the Humanities*, 28(9), 65–75. <https://doi.org/10.53765/20512201.28.9.065>

Lee, S. Y., Bae, S. S., Han, J. T., Byun, S. D., & Chang, J. S. (2012). The effect of motor learning of serial reaction time task (SRTT) through action observation on mu rhythm and improvement of behavior abilities. *Journal of clinical medicine research*, 4(2), 114.

Nagel, T. (2014). 11. What is it like to be a bat? Em *The Language and Thought Series*. Harvard University Press.

Ng, G. W., & Leung, W. C. (2020). Strong Artificial Intelligence and consciousness. *Journal of Artificial Intelligence and Consciousness*, 07(01), 63–72. <https://doi.org/10.1142/s2705078520300042>

Olivares, F. A., Vargas, E., Fuentes, C., Martínez-Pernía, D., & Canales-Johnson, A. (2015). Neurophenomenology revisited: second-person methods for the study of human consciousness. *Frontiers in Psychology*, 6, 673. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00673>

Paula, D. M. B. D., & Moretti, L. (2021). Realidade virtual na prática de mindfulness em psicoterapia: uma revisão narrativa. *Psicologia em Estudo*, 26.

Pinto, F. E. M. (2008). Quais são os novos desafios da Psicologia neste século? *ConScientiae Saúde*, 4(0), 23–31. <https://doi.org/10.5585/conssaude.v4i0.379>

Srinivasan, N., Simione, L., Arsiwalla, X. D., Kleiner, J., & Raffone, A. (2023). Editorial: Insights in consciousness research 2021. *Frontiers in psychology*, 14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1182690>

Strawson, G. (2006). *Consciousness and its place in nature: Does physicalism entail panpsychism?* Imprint Academic.

Toassa, G. (2020). Leontiev sobre matéria e consciência: sua crítica a Vigotski nos anos 1930s. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35.

Velmans, M. (2009). How to define consciousness-and how not to define consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, 16(1), 139–156.

Zeki, S. (2008). The disunity of consciousness. *Progress in Brain Research*, 168, 11–18.
[https://doi.org/10.1016/S0079-6123\(07\)68002-9](https://doi.org/10.1016/S0079-6123(07)68002-9)